

O MAL-ESTAR E OS RISCOS DA PROFISSÃO DOCENTE

Rita Melânia Webler
Docente da Universidade
Estadual do Oeste do Paraná.
E.Mail: ritawebler@gmail.com

Márcia Regina Ristow
Docente da Universidade do
Médio Oeste – UNIMEO.
E. Mail: jcarlos@rondotec.com.br

Resumo: A proposta é colocar em discussão os sintomas, as causas do elevado nível de sofrimento de muitos profissionais docentes e as estratégias que estes adotam para tolerar este sofrimento e continuar trabalhando. A hipótese é que a possibilidade/obrigação que os docentes têm de trabalhar para sobreviver e se manter no emprego é o que causa muitos sofrimentos. Questionamos: Trabalho docente é obrigação ou prazer? É tortura ou realização? Vivemos num tempo de enormes exigências de atualização, onde, com a implantação da tecnologia, supostamente diminuiremos o trabalho. Adaptar-se às demandas e às pressões externas advindas da família e do trabalho/escola é uma necessidade. A longa jornada de trabalho, as pressões sofridas, a violência de alguns alunos, “fazer os alunos aprender” nas condições mais adversas são desgastes presentes e podem causar doenças, além de ambientes mal ventilados com estrutura física onde a luminosidade natural é deficiente. A intenção é fomentar a discussão das possíveis causas e sintomas do mal-estar, para buscar alternativas que poderão servir de alerta para as necessidades de políticas públicas voltadas para a saúde dos docentes.

Abstract: The proposal is to place in quarrel the symptoms, the causes of the raised level of suffering of many teaching professionals and the strategies that these adopt to tolerate this suffering and to continue working. The hypothesis is that the possibility our obligation that the professors have to work to survive and if to keep in the job is what cause many sufferings. We question: Teaching work is obligation or pleasure? It is torture or accomplishment? We live in a time of enormous requirements of update, where, with the implantation of the technology, supposedly we will diminish the work. To adapt it the demands and to the happened external pressures of the family and the work end school is a necessity. The long hours of working, the suffered pressures, the violence of some pupils, "to make the pupils to learn" in the conditions most adverse is consuming gifts and can cause illnesses, beyond environments badly ventilated with physical structure where the natural luminosity is deficient. The intention is to foment the quarrel of the possible causes and symptoms of the malaise, to search alternatives that will be able to serve of alert for the necessities of public politics directed toward the health of the professors.

Palavras-chave: Mal-estar. Trabalho. Docência. Sofrimento

Key words: Poorly. Work. Suffering

Os docentes há algumas décadas, eram autoridades e respeitados, exerciam funções de grande importância na escola, na Igreja e nas comunidades. Eram respeitados não somente pelos pais, mas também pelos alunos, se o aluno não aprendia ele era o único responsável; porque não estudava, não prestava atenção na aula e era desinteressado, quer dizer a responsabilidade era toda do aluno.

De duas ou três décadas para cá, se o aluno não aprende, a responsabilidade é toda do professor, da didática e metodologia ultrapassadas usadas em sala de aula, o que mudou de forma significativa o trabalho dos educadores. Para tentar entender os reais motivos da sofrível performance dos docentes, hoje inúmeras pesquisas estão voltadas para procurar entender o reflexo desta nova postura. Estamos observando cada vez mais professores apresentando elevado índice de stress e outras doenças relacionadas ao seu trabalho.

O estudo das condições de saúde e trabalho dos docentes permite caracterizar os processos laborais e descrever o perfil dos trabalhadores em educação avaliando possíveis associações entre ocupação e problemas de saúde.

A nossa hipótese é que a possibilidade/obrigação que os docentes têm de trabalhar para sobreviver e se manter no emprego é o que causa muitos sofrimentos, doenças psíquicas e físicas. Não podemos calar e deixar de interrogar: o trabalho docente é obrigação ou prazer? O trabalho docente é tortura ou realização? Como lidam os professores com o conflito entre satisfação e sofrimento no trabalho? O profissional docente passa por um processo doloroso, relegando sua condição de trabalho a um plano escondido, recalcado e silencioso. Vivemos num tempo de enormes exigências de atualização, onde, com a implantação da tecnologia, supostamente diminuiremos o trabalho e teremos tempo livre, entendendo o tempo livre como: tempo livre do trabalho. Não tempo livre para exercer outra função ou ocupação que não a docente.

Para Ghiggi, no entanto: “[...] com o avanço tecnológico, o tempo é cada vez mais virtualizado e o tempo livre acentuadamente reduzido” (2000:14). O que se observa é que o tempo livre está amarrado ao capital e transformá-lo em possibilidade real de libertação para o ser humano é muito complexo. Assim, as pessoas liberadas pelo trabalho deveriam encontrar atividades nas quais poderiam fazer valer a sua soberania individual. Para Gorz, citado por Padilha, vale reparar que:

A esfera da soberania individual não é fundada sobre simples desejos de consumo nem apenas sobre atividades de divertimento e de

recreação. É constituída, mais profundamente, por atividades sem fim econômico, nem finalidade em si mesma; a comunicação, a dádiva, a criação e o prazer estético, a produção e a reprodução da vida, a ternura, a realização das capacidades corporais, sensoriais e intelectuais, a criação de valores de usos (objetos ou serviços mútuos) sem valor mercantil e cuja produção mercantil seria impossível por não ter rentabilidade - em resumo, um conjunto de atividades que, constituindo o próprio estofa da vida, têm, na vida, o direito de ter um lugar não subordinado, mas primordial. (2000:38).

O docente cada vez mais se vê diante de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se, entre elas as demandas e pressões externas advindas da família, do ambiente, do meio social, do trabalho/escola. O trabalho ocupa um papel central na vida das pessoas, inclusive como identidade do sujeito e na inserção social das mesmas pessoas. Existem ocupações humanas que, por sua natureza, são mais atingidas pelo estresse. Entre estas está a docência. A longa jornada de trabalho, a falta de empatia com os colegas, correção de provas, atividades para preparar, conteúdos para estudar e explicar, “fazer os alunos aprender” nas condições mais adversas ou estimular o aprendizado. Além disso, cumprimento de prazos, grupos de estudo e jornadas pedagógicas para participar, plano de ensino ou aula a desenvolver e executar, projetos, reuniões, são fatores do cotidiano da vida de um professor. As longas distâncias percorridas entre uma escola e outra e ainda o deslocamento para diversas escolas para completar a carga horária exigida impedem-lhe momentos de descanso ao longo do dia: enquanto deveria estar descansando, está viajando. Menezes e Gazotti apontam, em sua análise, que: “Sob condições muito adversas e sem uma rede de compensação que lhe seja conveniente, o professor passa a apresentar problemas; é como se o carvão que dava propulsão e o levaria a agir fosse se esgotando, ou seja, o que lhe fazia superar os problemas e continuar agindo em nome de um ideal se escasseasse” (1999:375).

Os distúrbios de voz causados pelo exercício da profissão fazem parte do cotidiano de muitos professores, uma vez que ministram aulas em salas lotadas, inalam pó de giz, competem com o barulho da rua, dos ventiladores ou do ar-condicionado e da conversa dos alunos. Trabalham em salas com muitas pessoas respirando o pouco ar que circula no ambiente, com estrutura física onde a luminosidade natural é deficiente. É preciso verificar se existe sofrimento e qual o nível do mesmo entre os docentes e quais as possíveis causas e sintomas que posteriormente poderão servir de alerta para a necessidade de políticas públicas voltadas para a saúde dos docentes.

Outros tipos de desgaste também atingem e podem afetar seriamente a carreira docente. São problemas de postura, bexiga, intestino, fadiga mental e má alimentação, que podem ocasionar queda no sistema imunológico e também causar doenças. E não é só o professor que é afetado. Observa-se que também os alunos são afetados pelo mal-estar dos docentes, eles deixam de ter alguns conteúdos, ficando privados dos mesmos. Os conteúdos, muitas vezes, não são “trabalhados” com a devida atenção e a reposição é feita às pressas, quando é feita.

O trabalho docente deixa pouco tempo para a vida familiar e o lazer dos docentes. Há, portanto, uma ampla área da vida moderna onde se misturam os agentes estressores do trabalho e da vida cotidiana. A pessoa, além das habituais responsabilidades ocupacionais, e da alta competitividade exigida pelo sistema de ensino, das necessidades de aprendizado constante, tem que lidar com os estressores “normais” da vida em sociedade, tais como a segurança social, a manutenção da família, as exigências culturais. É bem possível que todos esses novos desafios superem os limites adaptativos, em consequência levando ao estresse e ao sofrimento.

Estes tipos de desgaste a que as pessoas estão submetidas permanentemente nos ambientes e as relações com o trabalho podem ser fatores determinantes de doenças. Para Enguita, uma análise que não pode ser esquecida é a de que:

Duas fontes de mal-estar profundamente arraigadas e de longo alcance associado ao capitalismo e à industrialização... nossas necessidades pessoais, estimuladas pela comunicação de massa, pela publicidade e pela visão de outra parte dentro de uma distribuição desigual de riqueza, crescem muito mais rapidamente que nossas possibilidades. Segundo nossa sociedade, nutre uma imagem de existência de oportunidades para todos que não corresponde à realidade, motivo pelo qual e apesar do qual o efeito para a maioria é a sensação de fracasso, a perda de estima e auto-culpabilização (1989:5-6).

A igualdade de oportunidade para todos é ilusória. Cada vez mais, novos profissionais entram no mercado de trabalho e a competição aumenta e com esta a preparação para o trabalho docente. Embora os profissionais tenham uma maior preparação, as exigências do trabalho docente também aumentam a cada ano. A violência, a indisciplina nas salas de aula está tirando muitos profissionais das salas de aula com problemas de saúde e cada vez por um tempo maior. As agressões, tanto físicas como verbais, desestruturam emocionalmente muitos docentes que não estão preparados para lidar com a diferença nem com a divergência, e também com a falta de

recursos para obter êxito no magistério. A sua insegurança diante das divergências, se traduz numa atuação rígida na qual, com freqüência, o autoritarismo vem somar-se à rotina como meio de cortar um contato mais acessível e próximo com os alunos, que poderia, implica-los pessoalmente com o trabalho que realizam.

A freqüente postura docente de insegurança, medo, insatisfação, muitas vezes cheias de contradição vai revelando cada vez mais com o passar do tempo a insatisfação. Não se tem muito claro quem é o aluno, e a pedagogia não tem claro quem é o docente que trabalha com o aluno. Temos observado que muitos docentes não planejam as suas aulas para um aluno concreto, de uma escola concreta. Será que o professor se refere a uma pessoa concreta ou a um aluno no discurso, um sujeito ideal?

É necessário considerar que a falta de clareza de quem é docente remete a um questionamento quanto a formação inicial adequada para o futuro professor, do ponto de vista teórico e prático, para enfrentar o processo de interação com os alunos no âmbito das escolas, com todas as dificuldades reais que ela comporta; ou então que, tal processo de formação inicial capacite o professor iniciante a dominar com êxito os problemas práticos, de todo tipo, gerados pela interação professor-aluno.

É possível ver, através da psicologia e da sociologia, que a profissão do sujeito, no caso a de professor, não escapa à estruturação do processo ideológico. O discurso pedagógico tece posições simbólicas e imaginárias prévias para o professor. Posições de onde ele parte para analisar os seus alunos, os colegas, a escola, o seu trabalho etc. Isso acaba acarretando que os seus determinantes de estruturação de um campo profissional jamais sejam neutros.

A profissão docente, no ensino fundamental e médio, é, em sua grande maioria, exercida por mulheres. Não serão elas, as professoras, as que mais sofrem? Elas, em grande número, precisam manter, acompanhar e atender os filhos, e, além disso, cuidar dos afazeres domésticos, isto é, manter uma dupla jornada. Cabe também considerar o elevado número de docentes que viram seus casamentos se desfazerem em consequência do peso da dupla jornada. Muitas das professoras, além do fracasso do casamento, ainda ficam com a guarda dos filhos, assumindo, assim, uma grande carga psicológica, da qual nem sempre têm condições de dar conta: estar presente, acompanhar as perdas; além das suas, as perdas dos filhos. O trabalho dos professores em geral é mediado pelo afeto. Assim, eles precisam ter um equilíbrio emocional, em relação aos próprios sentimentos, para evitar ou administrar a ansiedade e o estresse com os outros, pois os outros inconscientemente abrem as suas feridas. Cada aula é,

assim, uma verdadeira batalha interna que o docente trava consigo mesmo. A sensação de estar sendo desnudado constantemente por algum aluno ou colegas faz com que ele se recolha e se feche sobre a própria dor e sofrimento, fazendo-o sofrer mais ainda.

Não há doenças que possam ser atribuídas especificamente aos docentes, mas os problemas que os afastam das salas de aula dão indícios de que estes são os mais recorrentes. Movimentos repetitivos, como apagar o quadro e escrever na lousa com o braço acima do ombro e ficar em pé por um longo período, atitude que pode acarretar doenças vasculares.

Como qualquer outro profissional, os docentes estão sujeitos a doenças ocupacionais, causadas por conta do trabalho, entre elas a síndrome de Burnout¹, definida, por alguns autores, como uma das conseqüências mais marcantes do estresse profissional, caracterizando-se por exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos. Uma ampla pesquisa, coordenada por Wanderley Codo, foi realizada, apontando indícios, causas e conseqüências da síndrome de Burnout entre os docentes no Brasil.

O médico Ramiro Stelmach “acredita que o desgaste do docente é conseqüência de um sistema que não funciona, no qual o professor é mal remunerado, tem pouco tempo para cuidar da saúde, não se alimenta adequadamente e é muito exigido em sala de aula. Ele dá mais aula do que deveria, trabalha quando deveria descansar, quando deveria recondicionar seus conhecimentos”. Talvez não falte iniciativa dos professores em se cuidar. O que falta é tempo e condições favoráveis para fazê-lo. “Eles entendem o que é uma vida melhor, mas não conseguem ter, por causa das condições de trabalho”.

O que muitas vezes leva o professor a não tomar medidas preventivas e nem a ter mais cuidados com os sinais que o corpo dá é a dificuldade de esse professor ser prontamente atendido pelo Sistema de Atendimento à Saúde (SAS). Em caso de afastamento das atividades por doença, se é por um período curto, os professores, retornando ao trabalho, devem repor as aulas. Isto inibe muitos professores de tratarem suas doenças de forma preventiva, uma vez que eles, ao invés de cuidarem da sua saúde,

¹ Síndrome de Burnout é uma resposta ao estresse ocupacional crônico e caracterizada pela desmotivação, ou desinteresse, mal-estar interno ou insatisfação ocupacional. Em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando estes profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia, ocasionando problemas de saúde e absentéismo e intenção de abandonar a profissão.

ficam preocupados com o trabalho dobrado que terão ao voltar às suas atividades, fazendo com que eles, além da doença, se sintam culpados pelo seu estado “improdutivo”. “O corpo só pode ser aceito no silêncio dos órgãos; somente o corpo que trabalha, o corpo produtivo do homem, o corpo trabalhador da mulher são aceitos; tanto mais aceitos quanto menos se tiver necessidade de falar deles. A atitude neste sentido à dor é exemplar” (1987:29).

O psiquiatra e psicanalista francês Dejours constata, em sua pesquisa com trabalhadores, que

[...] em relação à prática médica ou a respeito da saúde, a reticência maciça em falar da doença e do sofrimento. Quando se está doente, tenta-se esconder o fato não só dos outros, mas também da família e dos vizinhos. E somente depois de voltas que se chega, às vezes, a atingir a vivência da doença, que se confirma como vergonhosa: bastou uma doença ser evocada para que, em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se desculpar. Não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim de um sentimento coletivo de vergonha: “não é de propósito que a gente está doente”. (1987: 29)

Comportamento semelhante observa-se em professores que se sentem culpados por estarem doentes. Afirmações nada diferentes das que o psiquiatra descreve tenho observado e escutado entre os docentes: “Toda doença seria, de alguma forma, voluntária: se a gente está doente, é porque é preguiçoso. Quando a gente está doente se sente julgado pelos outros” (1987:29). A cobrança, a chamada para a responsabilidade, a cobrança insistente de atestados médicos quando falta por causa de consultas ou exames, criam um sentimento de culpa² que faz com que o doente se sinta julgado pelos outros. Trata-se de acusação cuja origem não se conhece claramente, acusação pelo grupo no seu conjunto, que se depreende assim, e que cria um sentimento de condenação da doença e indiretamente do doente que é o portador do mal. Uma nuance aparece, às vezes, no julgamento: “[...] não se trata de evitar a doença, o problema é domesticá-la, contê-la, controlá-la, viver com ela” (1987:32).

Os docentes não podem ficar doentes, porque “a doença causa muitos transtornos”. Isto se agrava quando ele apresenta alto nível de estresse. Observa-se que ele nem sempre é tratado como sujeito, porque nenhuma atividade é desenvolvida para que os profissionais da educação tratem dos seus sonhos e desejos. Cada um tem é que

² Este sentimento é o que o professor percebe, pela sutil exclusão de atividades, um clima de mal-estar, insinuações que são feitas no próprio ambiente de trabalho.

cumprir ordens e funções, dar aulas e cuidar do comportamento e das emoções dos outros, dos alunos. Não resultará daí o desânimo, a desmotivação? Cada um tem que calar, guardar os seus sonhos e anseios, pois que, na sua função e nas condições de seu trabalho não há como cuidar de si no sentido fisiológico e psicológico. Desta forma, ele vai se desestruturando, porque, segundo Dejours, é preciso compreender que, atacando o desejo, ameaça-se o regulador natural do equilíbrio psíquico e somático. Os estudos de Dejours mostram que o reconhecimento com relação àquilo que é realizado é fundamental para a motivação do trabalhador. Na medida em que o trabalhador é valorizado, ele é capaz de responder com iniciativa e criatividade. Quando, contudo, essa motivação não acontece, são dadas ao trabalhador as condições para que ele responda com desinteresse e desprezo pelo que realiza e não veja qualquer sentido na sua atividade. Codo, ao falar da satisfação no trabalho, afirma: “Quando trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do produto realizado, alguns até se apaixonam por ele. Mas quando trabalhamos subjulgados, subjugados, imprimimos raiva ao produto” (1994:190).

Esta insatisfação ficará impressa na forma agressiva e autoritária do professor em relação aos alunos e pessoas que estão em torno dele.

O nível de agressividade e afrontamento dos alunos em relação aos professores também é grande dentro das salas de aula. O professor tem pouca autoridade dentro da escola, pois é muito pouco respeitado. Os alunos têm a proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que os defende, sem ouvir os professores, além de terem a seu favor um sistema de avaliação que não permite mais reprovação. E, se não há reprovação, o aluno não se sente estimulado a estudar, pois de todo jeito ele passará de ano e passará pela escola, obterá um diploma que nem sempre garante o conhecimento. A escola tem um discurso de “construção de conhecimento”, no entanto tem uma prática competitiva, que só gira em torno da educação como medida. Isso faz os docentes perceberem o que afirma uma docente, que assim se referiu ao valor do seu trabalho: “parece que estamos ‘vendendo’ uma mercadoria podre, deteriorada, sem valor para o aluno que não estuda, ou estuda pouco e para o Estado que paga pouco pelo trabalho realizado” pelos docentes.

Cabe prevenir, porém, que nem todo trabalho gera sofrimento, e o limite entre o prazer e o sofrimento é o campo que separa a doença da saúde.

Para Enguita, a cultura vivida hoje parece ter dado por perdido o campo do trabalho para buscar satisfações somente no consumo, e, por outro lado, *a maioria dos trabalhadores não controla hoje a duração nem a intensidade de seu trabalho*.

Falamos do prazer quando o sujeito encontra no seu trabalho “um lugar de fazer amigos”, como diz Paulo Freire, e onde há solidariedade e cooperação. Quando estas se desvanecem e as convivências nas relações cotidianas se deslocam e, enfim, desaparece, a corrosão do prazer no trabalho se evidencia e entra o domínio do sofrimento. Dejours diz que “este surge assim que a relação do homem com a organização do trabalho é permanentemente bloqueada”. Enguita sintetiza as idéias de Hegel a respeito da liberdade e da necessidade do trabalho:

O homem (a autoconsciência) só se reconhece como ser livre no trabalho (a ação formativa), ao modificar o universo material que o rodeia (o elemento da permanência) tornando efetivos seus próprios desígnios (seu ser para si, a negatividade)... só ao modificar seu contexto pode o ser humano considerar-se livre. Hegel levou este raciocínio ao ponto de sugerir que não pode haver liberdade sem trabalho e que o pior trabalho é uma forma de liberdade (1989:11).

Nem todo trabalho é sofrimento, podendo sê-lo quando não entendido como espaço de ser livre criativo através dele, e quando o trabalhador não o entende como através dele expressar a sua vontade. Tanto Hegel como Marx *concebe o trabalho como efetivação de uma vontade transformadora da natureza. O aspecto liberdade reside no elemento vontade, a autoconsciência de Hegel e não pode existir sem ela (1989:13)*. O trabalho assim entendido é do domínio do homem, pensando-se o homem também como transformado pelo trabalho.

No trabalho docente muitas vezes só são reconhecidas aquelas doenças que se expressam por sintomas muito evidentes para serem escondidos: nervosismo na escola e em casa, explosão de agressão verbal com alunos ou colegas, perda de voz, cansaço e mal-estar, dores em função de gastrites, emagrecimento ou obesidade evidente.

É preciso estar atento para as conseqüências negativas decorrentes da falta de diálogo entre os docentes da escola. Quando isso acontece, podem ser detectadas situações como degradação do coleguismo, exacerbação dos conflitos entre profissionais e distanciamento ainda maior entre os docentes e a direção. Quero destacar

o aparecimento de sofrimento psíquico por conta de uma maior individualização decorrente da desconfiança existente entre os integrantes da equipe de trabalho.

Outro fator observado são os docentes que não usam medidas preventivas, não sabendo de possíveis doenças. E, não sabendo, não se preocupam, nem têm gastos com remédios, o que tem levado professores a tratamentos caros e demorados por medo de saber o que os estava incomodando. Dejours observa que “*toda consulta médica termina infalivelmente numa receita*” e esta importa em gastos financeiros, nem sempre disponíveis.

O bem-estar do profissional é, no entanto, a criação de um ambiente destinado à troca de experiências entre os docentes. Quando há troca de informações, e a solidariedade ocorre, é possível alcançar retornos positivos, como a diminuição dos riscos de novas doenças. A qualidade do ensino é significativamente afetada pelas condições de trabalho e saúde dos docentes. Dejours trata também da relação homem-trabalho, afirmando:

O trabalho torna-se perigoso para o aparelho psíquico quando ele se opõe à sua livre atividade. O bem-estar, em matéria de carga psíquica, não advém só da ausência de funcionamento, mas, pelo contrário, de um livre funcionamento, articulado dialeticamente com o conteúdo da tarefa, expresso, por sua vez, na própria tarefa e revigoração por ela. Em termos econômicos, o prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza, o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho (1994:24).

Cabe um questionamento, aos docentes, quanto ao prazer do exercício da sua profissão: - A falta de outra opção, para muitos docentes que estão no magistério mas não se identificam com a profissão, poderá ser uma das causas do sofrimento na profissão? - Estes profissionais realmente têm prazer em realizar o seu trabalho? São eles professores por escolha, por prazer, ou por não terem outra opção? Em que faixa de trabalhadores evidencia-se mais sofrimento, entre professores em início de carreira, ou entre professores com tempo médio de trabalho, ou nos que estão em final de carreira?

Haverá, entre os docentes, diferença no trabalho entre as disciplinas, sendo, por exemplo, o desgaste e o sofrimento do docente de Matemática diferente do desgaste docente de Educação Artística ou da Educação Física? Qual o limite do prazer e do sofrimento?

Quanto ao local de trabalho: Por que há professores que preferem viajar todos os dias longas distâncias para escolas do interior? Há professores que chegam a percorrer mais de 100 Km por dia, se deslocando de um local de trabalho para o outro. O que os leva a este sacrifício ou prazer? Peregrinam longas distâncias todos os dias para "dar aula". Alguns nas garupas de motos, para "economizar", desconsiderando os riscos de acidentes, as más condições das estradas, o frio, a chuva e outras intempéries.

A pesquisa sobre trabalho docente é um campo em construção, complexo e diverso, atravessado por situações políticas que agudizam o reclamo dos docentes por melhores condições de trabalho no contexto das reformas educacionais da última década e sua incidência nas mudanças relativas ao trabalho.

No âmbito sindical docente, onde se tem logrado estabelecer uma comunicação mais permanente entre os investigadores que trabalham o tema, observa-se a urgência que o problema do estudo do trabalho docente tem para dar suporte a propostas políticas e assistenciais hoje em discussão nos países latino-americanos.

Assim sendo, é importante ouvir a palavra do professor. Talvez sejam as consciências dominadas, a indignidade humana daqueles que mais trabalham, como diz Paulo Freire (1987), "que menos podem dizer a sua palavra". Os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam, dominam e fazem vingar as suas idéias.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- CODO, Wanderley. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C.; HITOMI, Alberto H. Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEJOURS, Christophe. Loucura do trabalho. São Paulo: Oboré, 1987.
- DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- ENGUITA, Mariano. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ESTEVE, J. M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987
- GHIGGI, G. A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.
- PADILHA, Valquíria. Tempo livre e capitalismo: um par perfeito. Campinas: Alínea, 2000.

ZAGO, N. CARVALHO, M. P, VILELA, R. A. T. (orgs). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.